

Leitura Crítica da Mídia e Produção de Jornal como Processo Educacional para Elevar a Autoestima de Jovens em Região de Risco, em BH

GABRIEL LACERDA MIRANDA
LAURA MARIA DO CARMO DE ASSIS
VIRGÍNIA BORGES PALMERSTON

1. INTRODUÇÃO

A interface mídia e educação tem sido um espaço de discussão cada vez mais rico em termos de descobertas de novos processos de aprendizagem (haja vista o crescente número de artigos publicados sobre essas experiências), que levam os educandos a uma consciência maior a respeito de sua cidadania. Este é, pois, mais um artigo que tem como proposta divulgar uma experiência sobre o processo de aprendizagem que busca somar os saberes provenientes do processo educativo e dos saberes vindos da comunicação. O estudo é fruto de uma pesquisa, ligada ao grupo de pesquisa científica Educomuni do UNI BH, iniciada em agosto de 2015 e que se encontra em andamento, denominada “Mídia, processos educativos e sujeito crítico”. Neste estudo, busca-se investigar a inter-relação comunicação/educação no âmbito das escolas de ensino fundamental.

Para isso, dentro de um período de cinco meses, foi observado e discutido, sob a ótica da educomunicação, o projeto de extensão, desenvolvido por alunos de jornalismo do UNI BH, denominado *House Organ Cidadão*. Desde o início de 2015, o projeto se propôs a relançar o jornal de uma escola pública do município, que não vinha sendo produzido por falta de orientação e de verba. Para isso, os bolsistas e voluntários do projeto realizaram, junto a alunos da 8ª e 9ª série da escola, localizada na entrada de uma favela da região

central de Belo Horizonte, um trabalho de capacitação de todas as etapas do processo de produção de um jornal, como: reunião de pauta, coleta de informações e entrevistas, seleção de material, redação e edição. Para além do desenvolvimento dessas habilidades, o projeto de extensão buscava um estímulo ao pensamento crítico dos jovens com relação à mídia, e, paralelamente, elevar a autoestima daqueles adolescentes acostumados a ver sua comunidade estampando as páginas policiais da imprensa.

Para tanto, logo no início dos trabalhos, foi realizada uma entrevista com os estudantes para colher e analisar o conhecimento que tinham a respeito da grande mídia, levando em consideração o contexto social e histórico em que vivem. Em seguida, os conceitos sobre o processo educ comunicativo e midiático foram estudados pelos pesquisadores novamente e, desta vez, o conceito de sujeito crítico também passou a ser explorado.

Depois de feitas as oficinas com os alunos da escola, o grupo de pesquisa realizou um grupo focal, em que esses jovens foram estimulados a apresentar suas impressões a respeito da abordagem dos meios de comunicação e das oficinas organizadas para eles. Quis-se, com essa atividade, averiguar se, ao longo do projeto, os participantes passaram a levantar questões sobre a prática dos meios de comunicação de massa, e, com isso, caminhou-se na direção proposta nos estudos educ comunicativos.

2. EDUCOMUNICAÇÃO, MÍDIA E SUJEITO CRÍTICO

A educ comunicação, como área do conhecimento que prevê uma imbricação dos conceitos de educação e comunicação, propõe um processo que dê conta de fazer aflorar o conhecimento com base nos acontecimentos cotidianos divulgados pela mídia. Soares define a educ comunicação como sendo

o conjunto das ações inerentes ao planejamento e implementação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos; melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos; usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas; e a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo (SOARES, 2003, p. 1).

Particularmente, destacamos três ações supracitadas, uma vez que foram estas as mais observadas na pesquisa com a escola municipal da capital mineira: “desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação”; “criar e fortalecer ecossistemas comu-

nicativos em espaços educativos”; e “usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas”.

Com relação ao desenvolvimento “crítico dos usuários dos meios de comunicação”, pode-se dizer que a educação por meio da comunicação pode fortalecer a capacidade crítica do aluno, uma vez que o contato mais frequente com a mídia e o estímulo analítico proposto pelo educador, para além de torná-lo mais consciente, despertam no educando a vontade de se manter informado e de atuar não somente como um consumidor de notícias, mas de um cidadão dotado de espírito crítico frente ao que é oferecido pelos meios de comunicação.

É fundamental, por exemplo, que os usuários da informação saibam que há critérios estabelecidos para que um fato se torne notícia na imprensa, já que seria impossível aos órgãos de informação divulgarem todos os acontecimentos. São os chamados critérios de noticiabilidade. Conforme Wolf (2002):

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é ‘excluído’, por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional. (WOLF, 2002, p. 190)

Desse modo, segundo Silva (2005) tais critérios são estabelecidos na “origem dos fatos”, considerando características próprias da ocorrência que são percebidas por jornalistas e donos dos veículos de comunicação; no “tratamento dos fatos”, que incluem aquilo que os profissionais já reconheceram como importantes, além de outros fatores como a condição tecnológica, qualidade do material apurado – como fotos, textos e som; *deadline*; e, por último, “na visão dos fatos”, que têm como base valores do jornalismo como a veracidade, a atualidade, o interesse público entre outras questões éticas e filosóficas.

Pode-se dizer, então, que não há divulgação de notícia que seja isenta da subjetividade dos profissionais da imprensa. Desde o momento da produção da pauta, passando pela apuração, redação até a edição da matéria jornalística existe a interferência do profissional ou do dono do veículo de comunicação. Assim, a notícia não é o fato em sua forma bruta, mas lapidado por um sujeito que de algum modo interfere naquele acontecimento. Por esse motivo, é fundamental que o educador atente para outra ação destacada por Soares no processo educ comunicativo: “o uso adequado da informação nas práticas educativas”.

Quanto ao fortalecimento dos “ecossistemas comunicativos em espaços educativos”¹, acreditamos que a produção de matérias jornalísticas permite uma experiência educativa que procura desenvolver outras linguagens, narrativas e saberes que ampliam o processo educativo tradicional.

A redação de notícias e reportagens demanda, daquele que faz a investigação do fato, o contato com as chamadas “fontes”. Lage (2006) explica que

Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público. São o que se chama de fontes.

É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas. (LAGE, 2006, p.49).

Para além das fontes, aquele que está investigando pode encontrar a resposta que procura por intermédio da observação direta da realidade, da leitura de notícias novas e de outras técnicas de pesquisa. Cada uma delas evoca no sujeito um determinado tipo de atitude, exige do estudante mais do que uma simples entrada em um site de busca na Internet. Dessa maneira, tais pesquisas podem complementar ou ampliar o conhecimento do aluno. Passamos, então, ao último critério apontado por Soares (2003) “usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas”. Como o próprio autor ressalta, não se trata de pensar que as novas tecnologias seriam a chave para mudanças importantes na área da educação, mas de resgatar a “aprendizagem como espaço produtor de sentidos em processos pedagógicos” (SOARES, 2006, p.7). A aprendizagem ocorre, ainda de acordo com Soares (2003, p. 8), “na medida em que o indivíduo se sente tocado, envolvido, conectado. Dessa maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação.” Os recursos da informação empregados na prática do jornalismo, mesmo com o advento das novas tecnologias, são, ou pelo menos, deveriam ser utilizados para melhorar e aprofundar o modo de produção das notícias - a apuração

1 Martín-Barbero (2003, p.67) explica que o ecossistema comunicativo “[...] constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos. Um entorno difuso, pois está composto de uma mescla de linguagens e saberes que circulam por diversos dispositivos mediáticos, mas densa e intrinsecamente interconectados; e descentrados pela relação com os dois centros: escola e livro que há vários séculos organizam o sistema educacional.”

da informação, a constatação e a apresentação do fato com a finalidade de prestar serviço público que contribui para a cultura democrática. E assim, quando se dispõe a produzir uma reportagem, deve-se incorporar as tecnologias como meio de democratização da informação.

Arriscamo-nos também a ressaltar que a experiência que tivemos na escola pública da capital mineira incluiu mais dois itens destacados por Soares: “melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas” e “a capacidade de expressão de todas as pessoas num espaço educativo”.

O componente fundamental da comunicação é a interação, sem este fenômeno o processo comunicativo não ocorre. Vale, então, lembrar as palavras de Bittencourt de Sá e Moraes (2017, p. 2) afirmando que “a educação envolve um processo de interação, de troca, que tem por finalidade o aprimoramento, logo deve ocorrer/acontecer a partir de processos comunicativos”. Como ação educativa, o processo desenvolvido na escola propôs inicialmente uma leitura mais livre sobre as temáticas que mais agradassem o grupo, os adolescentes se interessaram pelas abordagens dos veículos de comunicação e buscaram mais informações. Na etapa das entrevistas com as fontes, cada dupla de alunos foi estimulada a questionar e dialogar, trabalhando a competência de interagir com o outro e de compartilhar com este seus saberes e suas questões.

Por fim, colocamos em relevo a expressividade, que pode ser considerada como sinônimo de capacidade de transmitir o pensamento de maneira clara, e, segundo o Dicionário do Aurélio², expressivo significa “que dá a entender” Este é mais um requisito do processo de aprendizagem por meio da educomunicação. A relação mais direta e constante com a mídia, via leitura dos diversos gêneros e formatos jornalísticos e, por intermédio de observação crítica, põe em cena a prática da expressão.

Foi com esse aporte teórico, e com base, principalmente nas ações destacadas por Soares - do desenvolvimento do espírito crítico dos usuários, do uso adequado dos recursos da informação e do fortalecimento dos ecossistemas comunicativos - que o trabalho desenvolvido na escola pública de Belo Horizonte se pautou.

3. PROJETO DE EXTENSÃO *HOUSE ORGAN CIDADÃO*

Criado há 11 anos, o projeto de extensão *House Organ Cidadão*, do curso de Jornalismo do UNI BH, tem por objetivo desenvolver informativos para ONGs e escolas públicas de Belo Horizonte. Em 2015, com o intuito de produzir veículos de comunicação que ajudassem na

2 Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 28 de maio de 2017.

formação de um sujeito crítico, o Projeto trabalhou em parceria com uma escola municipal e promoveu a reformulação do jornal da instituição.

3.1 – Processos na escola

Na primeira etapa, a equipe do *House Organ Cidadão* foi à escola apresentar o projeto aos alunos e explicar o desenvolvimento das atividades no decorrer do ano. Dentre as ações realizadas, estava uma grande oficina de sensibilização do projeto, chamada de “oficina”. Dela, participaram os *rappers*, Marcelo Bioki e Pedro Vulks, que levantaram questões sobre política, cidadania, solidariedade e minorias e fecharam o evento com um *show* de *rap*.

Depois das apresentações, todo o projeto foi explicado pela coordenadora do *House Organ Cidadão*, Virgínia Palmerston, e foi solicitado aos alunos interessados que se inscrevessem. Já com os inscritos, foi feita a seleção destes observando-se o comportamento dentro de sala e a escrita. Para isso, a diretora da escola na época e um professor colaborador auxiliaram na escolha dos participantes.

A partir da seleção dos alunos, com idades entre 13 e 15 anos, iniciaram-se os encontros para a análise de notícias, as oficinas de fotografia e de produção de textos jornalísticos, que aconteceram no campus do UniBH.

No decorrer das semanas, os adolescentes participaram de uma reunião de pauta, coletaram informações, sugeriram entrevistados, produziram textos e fotos e analisaram a diagramação. Essas reportagens tinham como objetivo mostrar à comunidade os acontecimentos da escola e da própria comunidade.

Uma das pautas sugeridas pelos alunos foi a discussão da aplicação da verba do Orçamento Participativo da Criança e do Adolescente (OPCA) na escola. Neste dia, os alunos entrevistaram representantes da prefeitura, o corpo docente e discente presentes e fotografaram todo o evento. Desta forma, os jovens tiveram a primeira experiência de fazer a cobertura de um evento.

Os alunos realizaram cobertura jornalística em outros dois eventos na escola. Uma delas foi o *Encontro de famílias* e o *Projeto Colcha de Retalhos*, que procura incentivar a prática prazerosa e significativa da leitura. A outra matéria foi sobre a atuação da *Flutuar Orquestra de Flautas*, da qual participa o professor de matemática da escola.

Como o objetivo do jornal era resgatar os acontecimentos positivos do entorno, foi feito um perfil de um morador da comunidade. Na entrevista, um publicitário contou que não quis deixar as raízes e, mesmo com muitas chances e motivos para sair da favela, preferiu ficar e criar projetos que ajudem na melhoria do lugar em que ele vive.

Em outro texto sobre a favela, os alunos apuraram e redigiram a história de um antigo poço da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa) que servia para abastecer a comunidade de água e onde hoje está situada a própria escola. O local é um marco da comunidade, e os alunos produziram a matéria intitulada *Tempos de água farta*. Alguns moradores mais antigos contribuíram com o resgate da memória do local que antes era fonte de água para grande parte da comunidade.

O projeto *Empodera Minas* foi uma ação social importante para as meninas da comunidade e, por esse motivo, transformou-se em notícia do jornal. A proposta do *Empodera Minas* é conversar com as jovens sobre a vida, a sexualidade e o feminismo.

Para a capa do jornal, foi escolhida uma reportagem sobre futebol. O esporte serviu de pano de fundo para evidenciar a força de vontade e a dedicação de um time que teve como adversários o preconceito e a falta de verba. O time da escola ingressou no *Campeonato Municipal de Futsal* apenas com o objetivo de participar, mas, após descobrirem seu potencial, os atletas da instituição de ensino surpreenderam a todos e chegaram às semifinais do torneio.

3.2– OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE E GRUPO FOCAL

Antes de iniciar os trabalhos, a equipe do projeto de pesquisa previu uma avaliação de impacto. Por isso, durante todo o processo, acontecido entre março e setembro de 2015, trabalhou com o método de observação participante. Depois das discussões sobre a cobertura da imprensa e das oficinas de redação, foi realizada, no final de setembro, uma segunda pesquisa qualitativa, por meio de grupo focal. O objetivo era verificar os efeitos do trabalho realizado pelo projeto, em termos de aprendizado das técnicas jornalísticas, leitura crítica dos meios de comunicação e interesse dos beneficiados.

Dentre os resultados obtidos com a observação participante, analisou-se o senso crítico dos alunos da escola sobre a imprensa tradicional. No início do projeto, alguns participantes optavam por não falar e preferiram não contribuir com o andamento das oficinas. O receio que a turma tinha em se pronunciar era visível, pois se mostrava tímida ou com vergonha de se pronunciar sobre algo novo e errar.

Com o passar das oficinas, porém, percebeu-se uma visível melhora no diálogo e, a cada encontro, o aprendizado tornava-se mais dinâmico e produtivo. Para se verificar mais claramente essas mudanças, foi proposto aos alunos que participassem do grupo focal, coordenado pela professora/coordenadora do projeto de extensão.

Aceitaram participar do grupo focal os oito alunos do projeto. Com isso, foi possível observar que todos os envolvidos desenvolveram um senso crítico baseado em conhecimentos por eles adquiridos e em leituras em veículos de comunicação ao longo do projeto. Se antes os alunos consumiam as informações da mídia de massa como meros expectadores, por meio de oficinas e do contato direto com o fazer jornalístico, os estudantes se sentiram estimulados a desenvolver sua própria opinião a respeito do conteúdo noticioso apresentado pelos grandes meios de comunicação.

Essas constatações podem ser exemplificadas por meio das observações das respostas de alguns estudantes no grupo focal. Um dos alunos, por exemplo, ao ser questionado sobre algum conteúdo ser verdadeiro apenas pelo fato de ser noticiado por um comunicador de grande expressão no meio televisivo, respondeu que prefere analisar tal conteúdo antes de acreditar em tudo que lhe é apresentado. “Eu tenho um olhar mais crítico agora, às vezes têm coisas impostas pela mídia não tão agradáveis, coisas distorcidas ou mentirosas, mas eu tento avaliar o que é certo pra eu poder ver se acredito ou não” (Fernando).

Além disso, outro ponto interessante a ser destacado é o modo como os alunos analisam o conteúdo noticioso apresentado pelos grandes veículos de massa a respeito da comunidade onde vivem. Localizada em uma região de alta vulnerabilidade social, a favela usualmente aparece nas páginas policiais dos jornais “ [os jornais] dão mais notícias ruins do que boas, de gente roubando e matando”. (Luiz); “pra mim, só dá notícia ruim, porque fala dos traficantes, das drogas, dos usuários, um exemplo bom que a mídia podia falar é a história do Torneirão” (João); “ a questão das mortes e dos assaltos que têm lá não são as coisas mais atuais que eles podem colocar, têm as questões dos projetos de dança, vôlei, Fica Vivo (Projeto social municipal), que estão acontecendo na escola, tem o grafite também” (Marcelo).

Por mais que as entrevistas tenham se concentrado nas análises dos grandes veículos de comunicação, observou-se uma tendência do grupo de alunos a buscar informações em locais mais segmentados, como as redes sociais, mais especificamente, o *Facebook* (“procuro grupos, por exemplo, de mídias e jogos (...) procuro frases encorajadoras”. (Fernando); “vejo vídeos, poemas, rimas, jogos, e tudo que acontece, como teatros”; (João); “geralmente, eu leio sobre livros, músicas e jogos.” (Cesar).).

Observou-se, na análise desta pesquisa, maior conhecimento do grupo a respeito das técnicas de redação jornalística e da capacidade de análise da mídia. Percebeu-se, ainda, fortalecimento do engajamento dos alunos ao projeto.

Também foi perceptível a melhora na escrita e na oralidade dos alunos. Esses jovens, que ao iniciar o projeto possuíam pouco conhecimento sobre o fazer jornalístico, fecharam o ano demonstrando mais familiaridade com a imprensa, suas atividades e limitações. Destacou-se também a importância da continuidade ao projeto em sua escola no ano de 2016, sem a ajuda direta do Projeto de Extensão. A proposta é que os alunos participantes sejam multiplicadores e continuem a editar o jornal. A propósito, no lançamento do jornal, dia 1º de dezembro de 2015, na escola, percebeu-se também o interesse de demais alunos, quando cada um recebeu um exemplar em cerimônia específica para este lançamento e foram estimulados a participarem das próximas edições.

4. CONSIDERAÇÕES

A observação contínua do processo de produção do jornal bem como a análise do grupo focal aliadas à revisão do conceito de educomunicação, mídia e sujeito crítico foram essenciais para a contextualização do aprendizado dos estudantes da escola pesquisada.

Quando analisou-se o desenvolvimento das atividades propostas aos alunos sob o ponto de vista da educomunicação, constatou-se aplicação prática do conceito, uma vez que, de acordo com Soares (1999), educomunicação, dentre outras coisas, se constitui na integração das práticas educativas aos meios de comunicação.

As pontuações de Baccega (2011) endossam tal discurso: a autora afirma que a aprendizagem, há muito tempo, passou a barreira das escolas. Fora do ambiente escolar, os alunos da escola vivenciaram certas experiências que, provavelmente, não seriam possíveis em razão do plano de aula a ser seguido, como a análise da imprensa a partir do estímulo dado pelos jornalistas, a noção do fazer jornalístico, tanto com relação à produção de notícias quanto de imagens, com a manipulação de câmeras digitais profissionais.

No que diz respeito à mídia tradicional, durante a produção do jornal, os estudantes puderam ter contato com um veículo de comunicação e, desta forma, passar de expectadores para produtores de conteúdo. Além disso, os adolescentes foram estimulados a produzir textos sobre algo que estivesse próximo a eles, como atividades educativas, esportivas, registros históricos e entrevistas com membros da própria comunidade em que vivem. De algum modo isso pode ter contribuído para observarem que a região onde vivem também pode gerar pautas positivas e elevar a autoestima do grupo.

As novas tecnologias foram essenciais nesse processo. O acesso fácil à internet e o uso de celulares para registro de fotos e de gravações possibilitaram que os jovens tivessem ferramentas acessíveis para produção de conteúdo.

Já quanto ao aspecto do senso crítico, sob o ponto de vista midiático, os alunos se mostraram, de certa forma, mais atentos aos meios de comunicação. Começaram a perceber o conceito de notícia, a partir da possibilidade de veiculação de notícias positivas da comunidade, diferentemente do que ocorre na mídia de massa. A noção de que tudo o que é veiculado pelo jornal, TV, rádio ou internet é verdadeiro foi questionada, e a provocação fez com que uma visão mais apurada fosse despertada.

O conceito de educomunicação, como estimuladora de um sujeito crítico, um ser que compartilha conhecimento e vivência, pôde ser observado na tentativa dos alunos de levantarem uma série de questionamentos sobre aspectos políticos, sociais e históricos em seus roteiros de entrevista, para a elaboração das matérias.

Este artigo, fruto da pesquisa iniciada em agosto de 2015, pretendeu mostrar a inter-relação comunicação/educação no âmbito das escolas públicas, com base em um projeto de extensão desenvolvido em apenas uma escola. Acredita-se que é preciso uma investigação mais aprofundada, o que nos exige o acompanhamento desses alunos durante o processo de produção de pelo menos mais uma edição do jornal, para que se possa verificar todos os aspectos que compõem a educomunicação como área do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (org.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011.

BACCEGA, Maria A., LOPES, Maria I. V. de e FRANÇA, Vera R. V. (org.). **Dicionário de comunicação**: Escolas, teorias e autores. S. Paulo: Contexto, 2014.

BITTENCOURT DE SA, Jussara e MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **Mídia e Educação reflexões, relatos e atuações**. Disponível em http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/artigos/mdia_e_educacao_jussara_bittencourt_de_s__revista_querubim.pdf. Acesso em 28 de maio de 2017.

Dicionário do Aurélio. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em 28 de maio de 2017.

ERBOLATO, Mario. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Petrópolis Vozes, 1978.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.

- MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão. Mantiqueira, 2003.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Globalização comunicacional e transformação cultural**. In MO-RAES, Dênis (org.). *Por uma outra comunicação*, Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis: UFSC. Vol. II. N 1. 1 semestre de 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo>. Acesso em 21 de maio de 2017.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. In: Revista Contato, Brasília, DF, ano 1, n. 2, jan./mar. 1999, p. 19-74.
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Alfabetização e educomunicação**. O papel dos meios de comunicação dos jovens e adultos ao longo da vida. 3º Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e adultos, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2003
- SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: Um campo de Mediações**. In: *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, nº19, p. 12 a 24 Set./Dez. 2004.
- TORQUATO DO REGO, Gaudêncio Francisco. **Comunicação empresarial, comunicação institucional** São Paulo: Summus, 1986.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OS AUTORES

GABRIEL LACERDA MIRANDA - Estudante de Graduação do 4o semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH e voluntário, email: gabriel-lacerda936@gmail.com.

LAURA MARIA DO CARMO DE ASSIS - Estudante de Graduação do 8o semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH e bolsista da Fapemig, email: lauramariadocarmo@gmail.com.

VIRGÍNIA BORGES PALMERSTON - Doutora em Estudos Linguísticos (FALE/UFMG), professora do UniBH, pesquisadora do Educomuni. E-mail: vpalmerston@hotmail.com